

# Planejando com e para os moradores de Pirajá

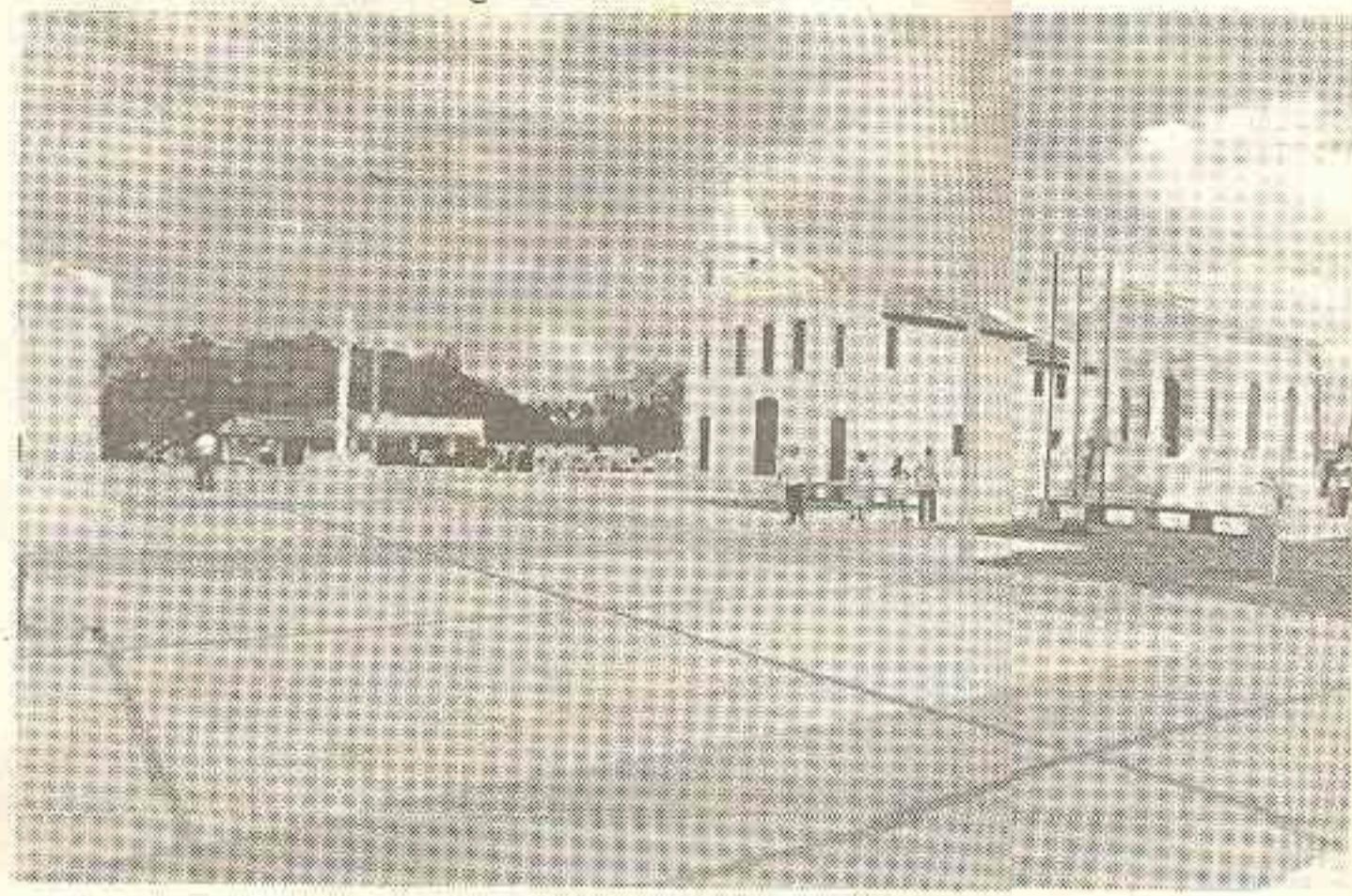
Fábio Angeletto

Dezenas de autores recomendam a participação da população na execução de projetos de arborização urbana. Entretanto, é deseável ir além, e buscar o envolvimento comunitário não apenas na execução, mas também no planejamento da arborização, principalmente quando a vegetação for usada para estruturar espaços para o usofruto da comunidade.

Para o professor Ângelo Serpa, o planejamento deve obedecer a princípios que permitem a apropriação do espaço urbano pela população. O planejador deve atuar fomentando um processo participativo de planejamento. É preciso que os planejadores se detenham mais no cotidiano daqueles para quem planejam, e é necessária uma linguagem de conciliação de interesses entre os planejadores e membros de uma comunidade. Os planejadores, se atuarem como facilitadores, podem contribuir para que membros da comunidade à qual se está planejando, também voz ativa, quer dizer, interfliram de fato na montagem do plano, revelando seus anseios em relação às futuras modificações que seu bairro sofrerá.

A esta categoria de planificação chamaremos planejamento participativo, definido pelo planejador Sérgio Cunha como um processo político, uma ampla discussão da construção do futuro da comunidade na qual participe o maior número possível de membros das categorias que a constituem. Mais do que uma atividade meramente técnica, é um processo político vinculado às decisões de uma maioria, em benefício dessa maioria. Assim, o planejamento participativo passa a constituir-se como um conjunto de instrumentos técnicos a serviço de uma causa política, pois usam-se essas técnicas para atingir de modo mais rápido e eficaz os objetivos determinados pela coletividade. Esta passa a ser sujeito da história, pois compreende que o desenvolvimento não é um pacote de benefícios dados a população, mas um processo no qual a população adquire maior domínio sobre seu próprio destino.

Não há paralelo, portanto, entre o planejamento participativo e simples reuniões entre planejadores do poder público e a comunidade, para que esta legitime determinadas decisões tomadas nos gabinetes, sem sua participação. Tampouco é participativo um planejamento que concentra setores comunitários apenas



para a execução de planos previamente preparados sem qualquer participação popular.

O planejamento participativo é uma alternativa excelente para contornar-se problemas como a falta de recursos para a arborização urbana, uma vez que os moradores são estimulados a participarem de todas as etapas do plano, inclusive trabalhando em sua execução.

Em Pirajá, o Projeto Espaço Livre para a Pesquisa e Ação, da UFBA, desenvolveu com um grupo de moradores um exercício de planificação conjunta, tendo como objetivo a construção de uma praça arborizada no entorno das residências dessas pessoas - um local onde outrora acumulavam-se lixo e entulho de material de construção.

Apesar das vantagens, não é tarefa simples planejar em parceria com a população. Conjugadas à apatia da população, estão as diferenças culturais entre planejadores - estes vindos de um ambiente acadêmico e de bairros onde os problemas que buscam resolver em geral não existem - um outro "mundo", portanto - e os moradores. Os técnicos têm uma linguagem e uma motivação diferentes daquelas dos grupos locais, que estão vinculados às esferas

de poder, e não às redes locais - de vizinhança, parentesco e/ou amizade.

As primeiras reuniões tiveram poucos presentes. Os moradores, escaledados com promessas anteriores não cumpridas, mostravam-se descrentes quanto à possibilidade de execução do plano. Aos poucos uma relação de confiança se estabeleceu, o número de participantes - em sua maioria, mulheres - cresceu, e os moradores começaram a revelar suas expectativas em relação ao lugar. A canalização de um esgoto que corria a céu aberto e a transformação do local em um espaço seguro para seus filhos brincarem eram as principais reivindicações.

Um grande júbilo se instalou entre os moradores quando anunciamos que uma verba da União Europeia estava disponível para a execução do projeto. Em comum acordo entre participantes e técnicos, decidiu-se que os recursos seriam usados para canalizar o esgoto, construir bancos e aumentar a presença de vegetação na área, sobretudo árvores.

A participação dos homens, que foi pouca durante as reuniões, cresceu enormemente durante os trabalhos de execução do projeto. As mu-

lheres trabalharam também, limpando a área. Essa foi a contrapartida solicitada aos moradores: trabalho em regime de mutirão, com materiais comprados com os recursos obtidos. No final de março, as tarefas estarão concluídas, e a "Praça do Burapinho" será inaugurada.

Assim, com apenas US\$ 850,00, será possível transformar uma realidade de degradação e miséria em um espaço de lazer e socialização. Nossos parceiros no planejamento contam que, mesmo antes do final dos trabalhos, moradores de outras localidades do bairro têm freqüentado o local. Pirajá, que tinha apenas duas praças, uma delas abandonada e ambas escassamente arborizadas, ganhará mais uma. Constatamos vários outros espaços do bairro que podem sofrer a mesma transformação, sem um gasto excessivo de recursos. Basta haver vontade política para tanto.

Fábio Angeletto é biólogo, acadêmico do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA e pesquisador do Projeto Espaço Livre. Maiores informações em [www.ufba.br/~esplive](http://www.ufba.br/~esplive) ou pelos endereços eletrônicos [fangol@ufba.br](mailto:fangol@ufba.br) e [angolotto@zipmail.com.br](mailto:angolotto@zipmail.com.br).